



***ASSÉDIO SEXUAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE
ABAETETUBA/PA***

***ACOSO SEXUAL EN ESCUELA PÚBLICA DEL MUNICIPIO DE
ABAETETUBA / PA***

***SEXUAL HARASSMENT IN A PUBLIC SCHOOL IN THE
MUNICIPALITY OF ABAETETUBA / PA***

Mauriceia Rodrigues Barbosa¹

RESUMO

O presente trabalho tematiza relações de gênero e educação, tendo como objeto de estudo o assédio sexual. O objetivo é analisar casos de assédio sexual contra jovens alunas do ensino médio de uma escola pública do município de Abaetetuba/Pa, considerando relações de poder, hierarquia e desigualdades entre os gêneros. Vou utilizar como aporte teórico autores como BUTLER (2008), FOUCAULT (1988) LOURO (2003). Farei pesquisa utilizando a etnografia pós-moderna a partir de James Clifford (1998), a fim de perceber a atmosfera dos *lócus*, por meio da observação participante cotidiana, que consista em olhar, ouvir e perguntar, em uma inter-relação do pesquisador com os interlocutores/as; farei os registros da experiência buscando sempre perceber os significados culturais, mobilizando uma variedade de interações da vida escolar para, em seguida, traduzi-los. A pesquisa está em andamento e, em razão da pandemia, sofrerá algumas mudanças relativas à rota metodológica.

PALAVRAS-CHAVE: Assédio sexual. Gênero. Juventude

RESUMEN

El presente trabajo se centra en las relaciones de género y la educación, con el acoso sexual como objeto de estudio. El objetivo es analizar casos de acoso sexual contra jóvenes estudiantes de secundaria de una escuela pública del municipio de

¹ Mestranda pelo programa de pós graduação em Cidades, Territórios e Identidade-PPGCITI. Licenciada plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará- Campus Universitário de Abaetetuba

Abaetetuba/Pa, considerando el poder, la jerarquía y la desigualdad entre géneros. Utilizaré como aporte teórico a autores como BUTLER (2008), FOUCAULT (1988) LOURO (2003). Investigaré utilizando la etnografía pos moderna de James Clifford (1998), para percibir la atmósfera del locus, a través de la observación participante diaria que consiste en mirar, escuchar y preguntar, en una interrelación entre el investigador y los interlocutores; Registraré las experiencias, siempre buscando comprender los significados culturales, movilizand una variedad de interacciones en la vida escolar y luego traduciéndolas. La investigación está en curso y, debido a la pandemia, sufrirá algunos cambios en la ruta metodológica.

PALABRAS-CLAVE: Acoso sexual. Género. Juventud.

ABSTRACT

The present work focuses on gender relations and education, with sexual harassment as the object of study. The objective is to analyze cases of sexual harassment against young high school students from a public school in the municipality of Abaetetuba/Pa, considering power, hierarchy and inequality between genders. I will use as a theoretical contribution authors such as BUTLER (2008), FOUCAULT (1988) LOURO (2003). I will do research using postmodern ethnography from James Clifford (1998), in order to perceive the atmosphere of the locus, through the daily participant observation that consists of looking, listening and asking, in an interrelation between the researcher and the interlocutors; I will record the experiences, always seeking to understand the cultural meanings, mobilizing a variety of interactions in school life, and then translating them. The research is ongoing and, due to the pandemic, it will undergo some changes, we are tracing methodological routes.

KEYWORDS: Sexual harassment. Gender. Youth

Diversidade
***e Educação

Introdução

Este trabalho tematiza relações de gênero e educação, tendo como objeto de estudo o assédio sexual. Um dos objetivos é analisar o assédio sexual contra jovens alunas do Ensino Médio de uma escola pública do município de Abaetetuba, no estado do Pará, considerando relações de poder, hierarquia e desigualdades entre os gêneros. Utilizarei como aporte teórico Altman (2003), Alves (2018), Butler (2008), Dayrell (2009), Foucault (1988) e Louro (2003). Para dar andamento a pesquisa, por se tratar de uma pesquisa de campo, vou utilizar o método etnográfico como explorado por James Clifford (1998), a fim de investigar o assédio sexual juvenil a partir das relações de gênero. Em razão da pandemia, estou redefinindo a rota metodológica, de modo que os procedimentos sofrerão algumas mudanças. Para o momento, apresento apenas um dos casos de assédio sexual, pois a pesquisa está em andamento. Estou considerando o assédio sexual como uma prática de quem está em certa posição de poder, capaz de

constranger o outro com intuito de obter vantagens ou favorecimento sexual. Na maioria das vezes o assédio sexual ocorre contra a mulher, violando seu corpo ou sua mente.

O artigo está organizado em três tópicos. No primeiro, farei uma apresentação da etnografia pós-moderna a partir de James Clifford (1998), tanto da perspectiva conceitual quanto dos procedimentos metodológicos em execução na pesquisa. No segundo, apresentarei brevemente o *locus* de pesquisa e um dos casos de assédio sexual ocorrido em uma escola pública no Município de Abaetetuba-PA no ano de 2018. No terceiro tópico, farei a reflexão sobre tarefa da escola em relação a equidade de gênero, um tema cultural que exige estabelecer o debate entre a relação escola e cultura.

A etnografia pós-moderna de James Clifford

No campo antropológico, a etnografia passou por diversas reformulações, e em meados dos anos de 1960 quando surge uma nova concepção de pesquisa de campo, na qual destaca-se a presença de uma descrição mais densa, posteriormente chamada de hermenêutica, apontando novos referenciais. Segundo Ribeiro (2010), a etnografia que sucedeu a proposta de Geertz é construída a partir de novos olhares sobre o social e o cultural, ocasionando reformulações teórico-metodológicas que marcariam a chamada “nova” etnografia. A “nova” etnografia ou etnografia pós-moderna (designação do antropólogo Stephen Tyler) traz um novo sentido ao trabalho de campo por meio de outro *modus operandi* assentado na noção de ciência contingente, na objetividade parcial e incerta, e na relação sujeito-objeto atravessada por relações de poder, fluida e conflituosa (RIBEIRO, 2013).

Segundo Clifford (1998), o desenvolvimento da etnografia enquanto ciência não pode ser compreendido dissociado de um debate político-epistemológico relativo a escrita e a representação, e o pressuposto é o de que todo o ser social interage e interdepende do outro e, neste movimento, constitui a alteridade em relação ao pesquisador. Este encontro entre pesquisador e interlocutores/as - que pode ser uma cultura, uma determinada tribo, um grupo de alunos -, é fundamental para o pesquisador a partir do olhar sensível para a compreensão da cultura desse determinado grupo social. Clifford (1998) ressalta a importância da legitimação do pesquisador, e da consideração da postura que ele assume, o que pode imprimir certa sofisticação científica na inter-relação com seu campo de pesquisa.

Para James Clifford (1998), a etnografia é entendida como uma atividade matizada, vista como escrita ou colecionamento que se configura como um campo

articulado pelas tensões, ambiguidades e até indeterminações próprias do sistema de relações do qual faz parte, além de estar imersa nas experiências em meio as relações de poder existentes entre o pesquisador e seus interlocutores/as. Clifford (1998) acrescenta, ainda, que é preciso compreender a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade no qual se circunscreve, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo as pessoas, sujeitos conscientes e politicamente significativos. O trabalho de campo para Clifford (1998) é um trabalho sensível e árduo que exige o envolvimento do pesquisador com o seu campo de pesquisa.

É importante destacar a noção de cultura colocada em cena, pois para Clifford (1998), esta é plural e contestada, constituída em meio a diferença e a jogos de poder. Esta noção de cultura é a mesma dos Estudos Culturais, na medida em que Hall (2003) adiciona que a cultura não é somente uma prática, nem tão pouco a soma descritiva dos costumes, mas, sim, um conjunto de significados que perpassa por todas as práticas sociais e constitui a relação entre os sujeitos.

A pesquisa se desdobrará em algumas etapas: a primeira consistirá em um mapeamento na Escola Estadual Antônio Vilaça (nome fictício), localizada no município de Abaetetuba/PA; esse mapeamento já foi realizado em parte antes da pandemia, e se encontra em andamento. Seguirei os encaminhamentos institucionais oficiais que são a apresentação à coordenação e gestão da escola, entrega de documentos e autorizações para a realização da pesquisa. A pesquisa encontra-se pautada em alguns aspectos éticos dentre eles destaca-se o acordo estabelecido com as alunas investigadas, que a princípio se deu por meio de documento oficial em que me comprometo a manter o anonimato dos sujeitos da pesquisa, todas as alunas são maiores de 18 anos. A pesquisa poderá apontar outros casos de assédio, porém, a princípio, apresento apenas um caso. Por se tratar de um trabalho em andamento não apresento tantos detalhes sobre o campo, me detenho as discussões no campo teórico a fim de resguardar o ineditismo da pesquisa e também pela sensibilidade que a temática requer do pesquisador. Entretanto, compreendendo a importância da discussão e apresento um breve ensaio sobre a pesquisa em questão.

Na segunda etapa será realizada a imersão no *lócus* de pesquisa, onde pretendo desenhar a atmosfera da escola por meio do olhar investigativo, mobilizando a mais completa e possível variedade de interações da vida escolar diária.

Assim, a produção de informação se dará por meio da observação participante, das conversações e da captura de imagens. A observação participante é uma experiência

tanto em termos físicos quanto intelectuais, que promove transformações na tradução (CLIFFORD, 1998), com o objetivo de analisar a relação entre a desigualdade de gênero e o assédio sexual na escola pesquisada. Desse modo, a pesquisa buscará compreender a diversidade dos processos a partir da etnografia onde a pesquisa de campo oportunize ao pesquisador, por meio da observação participante, um feixe complexo de relações experiência das pelo etnógrafo e os interlocutores que assumirão a posição de coautores da tradução na nova etnografia (RIBEIRO, 2012). A observação participante cotidiana que consista em olhar, ouvir e perguntar, em uma inter-relação entre a pesquisadora e os interlocutores e as interlocutoras. Os registros das experiências buscam perceber os significados culturais a partir da mobilização de uma variedade de interações da vida escolar para, em seguida, traduzi-los. Os sujeitos da pesquisa são jovens escolares, moças na faixa etária de 18-25 anos. Moças que relatam terem sido vítimas de assédio sexual durante sua passagem pelo ensino médio na escola onde a pesquisa está sendo realizada.

As alunas que participam da pesquisa são do sexo feminino, aproximadamente 80% delas relatam ter sofrido assédio sexual dentro da escola. Quanto a nacionalidade, são brasileiras, residentes no Município de Abaetetuba, algumas proveniente das ilhas, todas elas cursaram ensino médio, completo.

De modo geral, as entrevistadas são, em sua maioria, mulheres que se declaram pardas, a maioria de religião católicas, com até 25 anos, solteiras, e residem com os pais, a maioria delas não tem filhos. O assédio sexual está presente em diversos espaços onde há relações sociais e hierarquia. Nada justifica um ato de assédio seja ele moral, psicológico e principalmente sexual. Recentemente a inteligência artificial BIA sofreu vários ataques e violência, entre eles o assédio sexual:

A BIA não é uma mulher real, ela é uma inteligência artificial, mas também sofre assédio, e isso acontece porque ela é composta por elementos femininos. Assim a violência também é baseada no gênero. A omissão a esse tipo de ofensa só colabora para que o assédio seja visto como algo natural. [...] Há séculos, as mulheres são as principais vítimas do assédio sexual e da importunação sexual, além de sofrerem também com o assédio moral. Desde 2018, quando a BIA (Inteligência Artificial do Bradesco) passou a atender clientes, presenciamos diversas interações indesejadas e ofensivas – que evidenciam esses comportamentos. Inspirados pelo movimento "Hey, atualize minha voz", da UNESCO, mudamos as respostas da BIA para que ela reaja de forma justa e firme contra o assédio. Sem meias palavras. (ALIADOS/BIA, 2021)

É importante traçar o perfil das entrevistadas uma vez que a pesquisa visa detalhar o perfil das interlocutoras, porém, o assediador muitas vezes ao cometer o assédio sexual, não está preocupado com a condição social das vítimas, mas exerce sobre ela a violência de gênero utilizando-se de sua posição de hierarquia. O assédio sexual contra uma inteligência artificial retrata de maneira muito clara a situação machista e patriarcal que persiste na contemporaneidade em diversos espaços principalmente no ambiente escolar, que também se constitui um espaço onde há relação de poder em que a vítima é constrangida e algumas vezes ameaçada, ou até chantageada em seu desempenho escolar e com medo de vir a ser reprovada em determinada disciplina, muitas vezes acaba cedendo, outras vezes a solução é levar na brincadeira silenciando a situação de assédio. Poucas alunas rompem o ciclo violento através da denúncia. Algumas até desistem de frequentar as aulas o que ocasiona fracasso escolar e algumas vezes até desistências.

Portanto, os sujeitos da pesquisa possuem perfil escolar juvenil e a pesquisa propõe fazer a descrição densa desses sujeitos, entretanto, cabe ressaltar que toda mulher em algum momento de sua vida pode vir a ser vítima de assédio sexual em diversos espaços, a escola em sua tarefa cultural precisa vir a ser um espaço de formação e acolhimento, pois não há espaço para qualquer ato de violência sobretudo o assédio sexual, é preciso combater toda e qualquer prática. As alunas que relatam ter sido vítimas de assédio sexual são alunas, mulheres bonitas, amazônicas que muitas vezes pelas representações midiáticas a partir do padrão europeu, tenham que conviver com o estigma de ser a mulher para o ato sexual a serviço de um padrão machista por uma sociedade que representar na mídia uma mulher como objeto de prazer, ou tendo como atividade fim os serviços do lar, por conta do patriarcalismo imbricado na sociedade que tem a característica de domínio e secundarização da mulher, constituindo-se um problema de caráter estrutural.

O patriarcado se configura num "sistema de estruturas no qual o homem domina, oprime e explora as mulheres". O sistema patriarcal não trata de relações individuais ou de explicações biológicas para a compreensão da dominação masculina, mas parte de um problema estrutural que se encontra em várias dimensões da vida e nas transformações da história (AZEVEDO, 2017).

Portanto, minha tenho participado ativamente em meu *lôcus* de pesquisa, nesse momento no âmbito virtual, estou em constantes conversações com os interlocutores e interlocutoras de pesquisa, buscando mobilizar a mais completa variedade de interações,

a fim de adquirir a confiança dos interlocutores/as para produzir o máximo de informações, o que se pretende alcançar a partir da seriedade da pesquisadora, bem como do comprometimento para com o trabalho de campo. As conversações permitirão a tradução da experiência em campo, na medida em que a imersão no lugar de pesquisa se dará com esse olhar detido a partir da etnografia pós-moderna, para interpretar a cultura do lugar por meio dos signos, imagens, sons e interações cotidianas.

Será realizada, também, a captura de imagens com câmera digital e/ou celular, no intuito de produzir uma grande quantidade de imagens em um verdadeiro trabalho de sutileza a fim de trazer à memória da etnógrafa/pesquisadora, as diversas situações vivenciadas na escola e retratar parte das culturas por meio da experiência e do envolvimento com o campo da pesquisa, atentando aos detalhes. A fotografia na pesquisa será utilizada como uma modalidade de registro cultural. Segundo (BONI; MORESCHI, 2007, p. 139): "[...] A imagem, hoje, não pode mais estar separada do saber científico. A Antropologia não dispensa os recursos visuais – e não são recursos apenas como um suporte de pesquisa, mas imagens que agem como um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural [...]".

Desse modo, a fotografia é um documento para registrar e comparar artefatos culturais, registrando cenários e contextos que expressem a cultura, vai mais além que simplesmente bater fotos, quando se trata dos pontos de aproximação entre a fotografia e a antropologia, o pesquisador precisa procurar um bom posicionamento dentro da comunidade estudada pois essa inserção é uma forma de produzir conhecimento o “[...] texto não basta por si só, a fotografia, também não. Acoplados, inter-relacionados constantemente, então sim, ambos proporcionarão o sentido e a significação” (BONI; MORESCHI, 2007, p. 143).

Ao final, todas experiências cotidianas serão registradas no diário de campo para, em seguida, proceder a tradução. Ao longo da pesquisa registrarei impressões de eventos, relações e sujeitos no diário de campo atenta aos detalhes e descrições do cotidiano. Essa etapa da pesquisa será um momento solitário no qual pretendo assumir uma postura etnográfica de quem esteve de fato em campo, a fim de interpretar o que foi visto, sentido e verificado ao longo da pesquisa.

Na fase da tradução, a autoridade etnográfica se tornará perceptível e, portanto, não será ambígua. Assim, pretendo dar voz aos interlocutores/as, que se tornarão coautores e vozes vivas na etnografia. Segundo Clifford (1998), a tradução é um dos procedimentos etnográficos e possui três grandes etapas: a produção de informação, a

tradução e a escritura, na qual o etnógrafo retorna ao seu lugar (escritório) para solitário, organizar, sistematizar, selecionar, traduzir e escrever sobre a cultura pesquisada, com a finalidade de levar o leitor/leitora de sua própria cultura a compreendê-la.

No campo pós-crítico, não temos uma receita pronta, um molde de fazer pesquisa, entretanto, se faz necessário um acúmulo teórico metodológico. Sendo assim, tem-se algumas premissas e pressupostos que auxiliam na construção das trilhas de pesquisa bem como alguns procedimentos gerais que possibilitam a pesquisa em educação. (Paraíso, 2012).

Estamos sempre recriando a partir do produzido com outras teorias, com outros olhares, com outras abordagens sobre nosso objeto de pesquisa, traçando novas rotas revendo e problematizando os saberes produzidos e os percursos trilhados por outros.

Sendo, portanto, possível continuar a pesquisa sem seguir necessariamente uma receita pronta.

Paraíso (2012) destaca algumas premissas; a começar pelas significativas mudanças na educação de nosso tempo. Nesses tempos sombrios de pandemia da COVID19 que o país atravessa as pesquisas online se potencializaram. A necessidade das conexões virtuais entre as pessoas, trouxe implicações para a condução das pesquisas desde a elaboração de roteiros até as conversações, entrevistas, a maneira como ouvimos, e vemos, a partir de um novo viés investigativo de como vemos e dizemos o mundo, as categorias de análises.

A possibilidade de ir a vários lugares no campo virtual e ao mesmo tempo não sair do lugar físico em que se está nos trouxe muitas possibilidades e também desafios para fazer pesquisa. Com o isolamento social foi necessário construir e inventar novas rotas de pesquisas, o que se constituiu um desafio dado o contexto. Pesquisamos, educamos e construímos nossas metodologias em um tempo diferente. As teorias, os conceitos e as categorias que podem explicar as mudanças na vida na educação e nas relações nela imbricada. Nesse sentido, as tramas dessa pesquisa estão sendo construídas a partir do atual contexto entremeados pelas inúmeras dificuldades e desafios de aprendizagem nas trilhas investigativas. A princípio fiz o mapeamento no *locus* de pesquisa, tive contato com os sujeitos de pesquisa e mantenho as conversações cotidianas em destaque com a aluna que registrou o boletim de ocorrência, tendo coletado um material denso de campo que, no entanto, sigo a ética e sigilo da pesquisa para o trabalho final.

Os registros das experiências culturais, as impressões serão registradas em trabalho final posterior a este. Retornarei a campo caso necessário de acordo com as condições sanitárias a partir da retomada das atividades presenciais. Os documentos oficiais já foram entregues na escola, foi feito mapeamento do *locus*, entrevista com os sujeitos de pesquisa e, portanto, a pesquisa segue através de mídias sociais até o presente momento.

A escola e o assédio sexual

Como informei antes, o *locus* da pesquisa é a Escola Antônio Vilaça, localizada no Município de Abaetetuba, contando um espaço físico amplo. Inicialmente a dinâmica do espaço amplo visava incluir um grande quantitativo de jovens na faixa etária de 18-25 anos, no ensino médio, oportunizando a aprendizagem e garantindo uma perspectiva no âmbito profissional. O prédio possui uma estrutura física ampla com quadra esportiva, salas climatizadas, e biblioteca com acervo a contemplar as necessidades dos alunos. A escola tem sido local de grandes eventos formativos e culturais.

As interlocutoras de pesquisa são alunas, jovens que circulam nas praças localizadas nas proximidades do colégio, no final da tarde, com o sorriso de quem um dia adolesceu. Me identifico com as alunas por também ter presenciado uma cena de assédio sexual vivenciada por minhas colegas nos anos finais do ensino médio ainda na escola básica, entretanto minha relação com as interlocutoras desta pesquisa se resume ao trabalho de campo, sendo, portanto, uma relação respeitosa e baseada no interesse científico de pesquisa.

Um caso de assédio sexual ocorreu na Escola Antônio Vilaça, tendo ganhado grande visibilidade nas mídias locais, inclusive devido ter sido tratado por meio de registros legais e procedimentos jurídicos. No entanto, é possível que haja mais casos desta natureza e a pesquisa poderá apontar, porém, para o momento me detenho apenas ao caso da jovem Alana dos Santos (nome fictício), de 18 anos que foi interpelada por um professor, com que considera como “gracinhas”, ou seja, piadas e gracejos com conotação erótica, e convites sexuais explícitos. Este caso de assédio sexual ganhou repercussão nas redes sociais com denúncia da aluna. A denúncia chamou a atenção do corpo gestor da escola apenas após a visibilidade nas mídias. Sobre a denúncia a aluna afirma:

No primeiro momento foi estranho demais, porque eu ficava me questionando se era verdade e se não era coisa da minha cabeça, porque ele é um bom professor, é um

cara evangélico que fazia vídeos no YouTube falando de Deus, tinha uma relação boa com os atletas do colégio; por conta disso só me deram ouvidos quando fiz a publicação (Alana, 2019).

É preciso distinguir as atitudes que estão para além de brincadeiras consideradas saudáveis das ações de assédio sexual que envolvem desrespeito e até violência sexual. Alana estranhou a atitude do professor, no entanto, por conta da figura de cátedra em que seu opressor estava, quis se desvencilhar da ação sofrida, relutando com o que pensava ser coisa de sua cabeça.

A figura do professor não deve jamais ser usada, independente do contexto, seja ele social ou de classe, para explorar ou obter vantagens de qualquer natureza sobre as alunas. O professor precisa ser ético em sua conduta não utilizando a natureza da sua relação profissional para qualquer fim.

Para pensar sobre este evento corrido na cidade de Abaetetuba-PA, é preciso considerar a cidade como um lugar envolvido pela cultura, pelas múltiplas identidades, pela importância territorial, pois tudo isso circunscreve a história e memória do povo. É preciso, ainda, pensar esse território como espaço político e, sobretudo, um lugar de formação humana. A cidade é representada como uma cidade de belas mulheres, “a terra morena da garota de valor”; contrariamente, é conhecida mundialmente pelo alto índice de feminicídio e de violência contra mulheres, como o que ocorreu no ano de 2010 com uma adolescente de 15 anos que foi presa em uma cela masculina com vários homens, tendo sofrido sucessivos estupros, configurando a tortura, com seu corpo e vida marcada por uma crueldade sem precedentes (O GLOBO, 2007).

Essa mesma cidade está entremeadada pelo imaginário das lendas, pelo trabalho das artesãs do miriti, pela luta e resistência da mulher negra, quilombola e de todas as mulheres que carregam uma história circunscrita no trabalho, na cultura e também na identidade. No cotidiano estas mulheres se ressignificam, tendo suas vidas atravessadas por múltiplas identidades de mulher, mãe, professora, aluna, enfim.

O assédio sexual: juventude, gênero e poder

O assédio sexual só foi considerado crime recentemente, pela lei número 10.224, de 15 de maio de 2001, que tem o intuito de certificar a defesa das mulheres e garantir sua dignidade, seu direito a segurança física e psicológica no ambiente de trabalho, o que já não se restringe apenas a esse ambiente, mesmo não havendo um enquadramento

penal quando o assédio sexual ocorre em outras esferas (igreja, escola). De acordo com o código penal o assédio sexual consiste em:

Art. 216. Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerente ao exercício de emprego, cargo ou função.

Assim, para Alves (2018), o assédio sexual é uma atitude praticada contra outra pessoa, na maioria das vezes, uma mulher, violando a honra, o corpo e o psicológico por meio da superioridade.

É possível a existência do assédio sexual onde a vítima seja o homem, porém, na sociedade contemporânea ainda prevalece a hierarquização de gênero no qual o corpo feminino é visto a partir de um olhar biológico como frágil e, portanto, indefeso. Neste sentido, quando a vítima é coagida para que preste algum favor sexual por estar hierarquicamente em posição inferior ao violentador, quando a vítima é constrangida ou tem seu corpo violado por ser do gênero feminino, o assédio ocorre por conta do preconceito de gênero. As noções de gênero se diferenciam em diversos momentos históricos em seus vários aspectos sendo eles culturais e sociais de um modo geral. Para Louro (2003), os gêneros são construções históricas, e se materializam quando os sujeitos se percebem social e historicamente como femininos e masculinos, constituindo identidades plurais que se transformam com o passar do tempo. Entre outros estudiosos do campo Butler (2008), se detém sobre a analisar o sujeito como efeito das relações de poder, por meio do que ela chama uma genealogia da ontologia de gênero.

Da perspectiva da sexualidade juvenil, Altman (2003), considera que esta tem sido um importante foco de investimento político, na medida em que tem sido configurada como instrumento de tecnologia de governo. Neste caso, a escola passa a ser um espaço privilegiado de intervenção sobre a conduta sexual dos/as estudantes, pois essa conduta sexual dos indivíduos e da população, em geral, tornou-se objeto de análise e de intervenções políticas governamentais, pois diz respeito a saúde individual e coletiva, ao controle da natalidade, ao crescimento demográfico, a vitalidade das descendências e da espécie, tendo, portanto, se configurado como um problema de saúde pública.

Dayrel (2003), conceitua juventude como um período transitório no qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, a passagem para a vida adulta. Segundo o autor, os jovens enquanto sujeitos sociais, constroem um modo de ser jovem a partir de seu cotidiano. Como exemplo, é possível citar os jovens das diversas camadas populares

ligados a grupos musicais, entre outros. Importante reter que o jovem é um ser social que tem sua identidade representada a partir de seu grupo. Conforme destaca Dayrel (2003), a juventude se constitui em um momento determinado, entretanto, não se reduz a uma passagem, pois assume relevância em si mesma.

Dayrell (2002) afirma que não podemos definir um único conceito de juventude, mas, sim, juventudes. O autor destaca ainda alguns aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos que contribuem com o perfil de juventude em cada localidade. Ou seja, ser jovem estar interligado com o espaço e tempo em que se vive. O autor se apropria de alguns conceitos de autores como Peralva (1997), que define juventude como uma condição social e também um tipo de representação. Cada sociedade compreende a juventude de uma determinada maneira, o que pode mudar com o tempo histórico e também pelo contexto cultural, podendo ocorrer uma diversidade e não apenas uma única juventude pronta e definida para todos os tempos;

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. (DAYRREL apud PERALVA, 1997).

Portanto, é preciso compreender que na contemporaneidade, os jovens assumem um protagonismo diferente do século passado, hoje muitas moças não anseiam mais pelo casamento como passaporte para a felicidade, assim como os rapazes também, as identidades que vão sendo construídas tanto social como subjetivas estão entrelaçadas as mudanças históricas de um determinado tempo em que os jovens escolhem viver suas vidas sem a responsabilidade de apenas procriar.

Para Dayrel (2003) a compreensão sobre a juventude desse tempo atual somente é possível se associada a um processo mais amplo de constituição de sujeitos, com suas especificidades pois a juventude constitui um momento determinado, mas não se limita apenas a uma passagem para a idade adulta; ela assume uma importância em si mesma nesse processo de construção do vir a ser influenciado pelo meio social concreto onde se desenvolve e também pela qualidade das trocas que este proporciona.

Charlot (2000 apud. DAYREL, 2003), apresenta uma definição do como sujeito e um ser humano aberto a um mundo que com sua historicidade possui desejos que os move.

Feixa (2006), considera a juventude como uma condição constituída pela cultura, e, portanto, atravessada pelos recortes de classe, gênero, território, etnia e geração e nas formas como cada uma delas se expressa hoje. Nesse sentido, é preciso considerar que muitos jovens, iniciam a vida de trabalho muito cedo por questões econômicas para contribuir com a renda familiar. Na cidade de Abaetetuba em que estou realizando a pesquisa essa realidade persiste na periferia, nas ilhas e em alguns bairros da cidade de um modo geral. Assim o conceito de juventude não pode estar atrelado unicamente a uma visão biológica, ou trabalhista, mas como uma construção cultural.

As jovens começam a trabalhar em lojas no comércio ou como ajudantes em salões de beleza na cidade. Os rapazes logo cedo alimentam o mercado capitalista, como motoboy, frentista de lojas ou até vendedores de açaí. Com o agravamento da pandemia muitos rapazes começaram a entregar açaí em delivery, muitos deles para ajudar suas famílias.

As fábricas no município de Barcarena também é uma das opções de alguns jovens para tentar uma profissão mais imediata através da profissão de vigilantes, quando não conseguem outro trabalho na cidade.

Para explorar as relações de poder em eventos de assédio sexual, ao longo desta pesquisa, aciono Foucault (1979), para quem o poder é exercido pelo que denomina de sociedade disciplinar, organizada em pequenos (micro) grupos sociais a partir de técnicas disciplinares cujo objetivo é docilizar os corpos das pessoas. O mesmo autor, em sua visão pós-estruturalista, destaca que existe uma confusão que acaba sendo transmutada para todos marcadores sociais como gênero, raça, etnia, classe e geração. Essas relações passam a sofrer influência direta da construção de um discurso hegemônico pautado no capital e na cultura.

Foucault (1979), assim como Louro (2003), também destaca a lógica do capital e da cultura hegemônica que coloca como modelo de sociedade o homem, "macho", provedor, branco, hétero e burguês. A partir da imposição desse modelo tudo que desviar da heteronormatividade passa a ser subalternizado, marginalizado, excluído e ainda explorado. Neste sentido, a mulher tem seu corpo dominado pelo macho, assim como o negro pelo branco, o cisgênero, o bissexual e outros. Essa hegemonia da cultura

de gênero passa a ser transmutada a todas as relações, ou seja, o sujeito é submetido por discursos hegemônicos. É no discurso que se encontra o saber-poder, que funciona como uma teia, uma rede que envolve as pessoas, e não funciona apenas como uma força que diz não.

[...] se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso [...] (FOUCAULT, 1979, p.6).

As instâncias sociais, por sua vez, tentam padronizar o corpo, cabendo a família ensinar a moça a ser uma boa dona de casa; por sua vez a igreja prega a submissão ao homem, enfim, todas as instituições aplicam a disciplinarização dos corpos, exercendo o poder microfísico sobre o sujeito. Para uma maior compreensão de Foucault (1979), se faz necessário o debruçar-se sobre suas obras, e, ainda que iniciante na pesquisa, compreendo que para ele, o poder é uma construção histórica que está em movimento e não apenas um objeto que alguém detém. Esse poder se movimenta nas pequenas relações sociais. Os discursos sociais também são construídos sobre o prisma desse poder como a não legalização do aborto, o afrouxamento nas leis contra o assédio sexual, a imposição de lugares sociais sendo a mulher aprisionada nos afazeres domésticos, no detrimento das funções em diversos espaços e instâncias sociais. Para Foucault (1979), o saber-poder existe independente do Estado, como um feixe que liga os organismos sociais e proporciona vantagens individuais, controlando estrategicamente os que não tem conhecimento.

A escola e sua tarefa cultural: a educação para a equidade de gênero

Segundo Dayrell (2009), a escola é o lugar em que o sujeito será formado de forma ampla fazendo com que o processo de humanização seja aprofundado neste indivíduo, aprimorando as dimensões e habilidades que são comuns aos seres humanos. O acesso ao conhecimento e as experiências culturais e sociais, contribuem como suporte para desenvolvimento do/a aluno/a como sujeito sociocultural, influenciando no aprimoramento da vida social.

Nesse sentido, é necessário o aprofundar e ampliar as análises que buscam apreender a escola na sua dimensão cotidiana, apurando o olhar sobre a instituição escolar, seu fazer e seus objetivos, contribuindo para a problematização de sua função

social. A escola como uma instituição dinâmica e polissêmica é fruto de um processo de construção social e, nesse sentido, é preciso ressaltar os aspectos e dimensões presentes no cotidiano escolar, que são neutralizados ou julgados como sem importância para a educação e, por isso, muitas vezes, passam despercebidos, como o assédio sexual. Os sujeitos escolares – professores/as e alunos/as - vivenciam o espaço escolar como uma unidade sociocultural complexa, no qual convivem diferenças que precisam ser assumidas e tratadas como um elemento desencadeador do processo educativo.

Para compreender as diferenças sexuais, de gênero e geracionais, é preciso considerar a escola e sua relação com a cultura. Neste sentido, a cultura é uma força de mudança histórica que consegue revolucionar a vida de um determinado grupo social ou sujeito. Contudo, é preciso considerar a cultural local em determinada região, como na Amazônia, pois esta sofre alterações simbólicas em certos territórios, alterando modos de vida e identidades. É possível afirmar que a cultura é a soma de diferentes ações e significados (valores, crenças, atitudes), e se manifesta no cotidiano das mais variadas formas, nas linguagens, na culinária, bem como nas relações sociais mediadas pelo afeto, pelo gênero, pela sexualidade e pelo saber-poder.

As diferenças circulam na escola e tem crescido a atenção sobre elas, devido serem a expressão das culturas e de seus múltiplos marcadores. Com Hall (1999), considero a cultura como uma força de mudança histórica que, por sua vez, consegue transformar o cotidiano constituindo, assim, as identidades. Em razão disso, o sujeito tem mudado devido as demandas sócio culturais, ao ponto de, em cada momento histórico-cultural, haver aspectos marcantes a serem considerados. Em vista disso, Hall (1999) apresenta três concepções de sujeito para diferentes momentos históricos, o sujeito do Iluminismo, da modernidade e o pós-moderno, um sujeito volátil, com uma identidade fragmentada, atravessada pelas culturas e valores do meio social em que está inserido.

Estes sujeitos circulam na escola, um espaço no qual se vive a diferença por meio de significados culturais. Para Leão (2012), a escola é um espaço profícuo para inserir as questões relacionadas as relações de gênero e representar um expressivo passo para a efetivação de ações concretas no combate à discriminação, a desinformação e a disparidade de gênero. Para Ribeiro & Soares (2013), a escola precisa ser um espaço de reflexão dos acontecimentos, na construção das identidades de gênero para os tempos em que se vive calcada no princípio de que os corpos são significados na e pela cultura, e por ela continuamente ressignificados. Ao ser atravessada pelos gêneros, a escola

delimita espaços sociais para os corpos e mentes, em razão de, ao longo da história, as sociedades terem se constituído a partir da delimitação de espaços sociais, condutas generificadas com a imposição de padrões sociais. A escola, por sua vez, absorveu as normativas de conduta e regulamentação definindo as atividades adequadas para corpos masculinos e femininos.

Entretanto, a escola ainda precisa ampliar o debate sobre as relações de gênero e o assédio sexual, pois alguns casos relatados por Altman (2003) apresentam uma dificuldade nas relações entre mulheres e homens, pois a sociedade considera que o homem precisa ser mais rígido e menos afetivo com o gênero oposto. Nesse sentido, a escola tem uma tarefa fundamental nas relações de gênero, pois as relações se estreitam e as identidades se tornam múltiplas. Compreender a quebra dos paradigmas sociais como o estabelecimento do que pode o que não pode para homens e mulheres é de fundamental importância, por proporcionar relações mais simétricas entre os gêneros.

Assim, a escola contribuirá no processo de garantia de segurança para as jovens escolares a partir da formação cultural, da pluralização de espaços, da desconstrução da identidade hegemônicas, do diálogo sobre os direitos das mulheres. Dessa forma, a escola tem fundamental importância na disseminação de respeito ao outro e um dos mecanismos propícios a tal tarefa, é o currículo como política cultural, pois este além de conteúdos disciplinares, dissemina conteúdos culturais, sobre ética, gênero, sexualidade e geração, permitindo a constituição de outras identidades masculinas e femininas.

Ao perceber práticas de assédio sexual e imediatamente dialogar sobre a fim de resolver algumas concepções pré-estabelecidas ao longo das sociedades, a escola contribuirá para a dignidade das jovens escolares, na medida em que garanta o seu direito a segurança física e psicológica neste ambiente, por meio de uma política pedagógico-cultural capaz de oportunizar o esclarecimento, o diálogo plural e inclusivo.

Uma das pautas de luta das estudiosas feministas foi a de tornar visível a presença da mulher, e tornar perceptível seus direitos nos diversos espaços e instâncias sociais, pois é nesta instância de relações sociais que se constituem os gêneros (LOURO, 2003). Assim, é preciso levar em consideração as diferenças, as representações, os binarismos, os direitos conquistados, pois todos atravessam as relações entre mulheres e homens na sociedade e na escola. Apesar das conquistas dos movimentos feministas, as mulheres ainda vivem um cotidiano de assédio sexual no trabalho, na família, na rua, na igreja e na escola motivadas pelo patriarcalismo, pelas inferiorização e pelas desigualdades. As mulheres jovens são alvo privilegiados.

Conclusão

Em síntese, o trabalho objetiva analisar relações de gênero em uma escola pública no Município de Abaetetuba/PA, por meio de situações de assédio sexual praticados por professores contra alunas do ensino médio. A pesquisa está em andamento sendo desenvolvida por meio da etnografia pós-moderna, um trabalho sensível e árduo com a finalidade de registrar as experiências e interações da vida escolar diária.

Em Abaetetuba no estado do Pará, a violência contra a mulher é recorrente e o assédio sexual é uma realidade que ocorre nas escolas de modo silencioso. Ao colocar em movimento a relação escola-cultura como força de mudança histórica, penso na potência para modificar as relações de gênero entre determinado grupo social, como a escola, disparando a constituição das identidades outras.

Referências

- ALTMAN, Helena. Orientação sexual em uma escola: *recortes de corpos e de gênero*. Cadernos Pagu. (21) 2003, pp.281-315.
- ALVES, Fátima Lucimara Gomes. Assédio sexual entre alunos no ambiente escolar: as influências da desigualdade de gênero e do machismo, e o papel da escola no enfrentamento aos padrões culturais de dominação da mulher. 2018.55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade Federal do Pará, Mãe do Rio, 2018.
- AZEVEDO, Fernanda Maria Caldeira de. O conceito de patriarcado nas análises teóricas das ciências sociais: *uma contribuição feminista*. Revista três pontos.13.1- dossiê múltiplos olhares sobre gênero. 2017, pp.1-9.
- BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. Fotoetnografia: *a importância da fotografia para o resgate*. Londrina, 2007. www.doc.ubi.pt, pp. Acesso em:10/12/2020.
- BUTLER, Judith. O gênero em disputa. Feminismo e a subversão da identidade. Tradução Ma. Antonia Muñoz. Barcelona: Paidós, 2008.
- BRASIL. Lei nº 10.224, de 15 de maio de 2001. Altera o Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e dá outras providências. Brasília, 15 de maio de 2001; 180o da Independência e 113o da República.
- CLIFFORD, James. A Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. Educação e Pesquisa São Paulo. (2002).

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FEIXA, C. P. De jovens, bandas e tribos. Barcelona: Editorial Ariel (1998) 2006.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaíne La Guarda Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG/Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LEÃO, A. M. C. A percepção dos professores e coordenadores dos cursos de Pedagogia da UNESP quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo: analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência. Relatório de Pós-Doutorado (Sexologia e Educação Sexual), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: *uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003.

O GLOBO. Diário Online, São Paulo. 06 de dezembro de 2007.

PARAISO, Marlucey Alves, MEYER, Dagmar Estermann. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. pp. 21-42

RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas. Pesquisando os gêneros nas fronteiras culturais: a “nova” etnografia. In: NASCIMENTO, Afonso W. S.; RIBEIRO, Joyce O.S. (Orgs.). Educação: *enfoques, problemas, experiências*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. pp.259-279

RIBEIRO, Joyce; NASCIMENTO, Afonso W. S. (Orgs.). Educação: *enfoques, problemas, experiências*. São Paulo: Livraria da Física, 2012.

RIBEIRO, P. R. C.; Soares, G. F. As identidades de Gênero. In: RIBEIRO, P. R. C. (Org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. 3ª ed. revisada. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

Recebido em fevereiro de 2021.

Aprovado em abril de 2021.